

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18. n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º a entrega	7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 195	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO LISBOA. RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	21 DE MAIO 1884	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas (idem) . . . . .	4\$000	2\$300	—\$—	—\$—		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	—\$—	—\$—		

## A DEPUTAÇÃO DO TRANSWAAL



*S. V. Krüger*



*Mr. J. Smit*



*J. du Toit*

STEPHANUS JOHANNES PAULUS KRUGGER, PRESIDENTE DA REPUBLICA DA AFRICA AUSTRAL — NICOLAUS JACOBUS SMIT, GENERAL —  
STEPHANUS JACOBUS DU TOIT, MINISTRO DA INSTRUÇÃO PUBLICA

## CHRONICA OCCIDENTAL

Utilizar em proveito de uma obra grande e sublime os sentimentos mais pequenos e ridiculos da humanidade, fazer da fraqueza dos homens uma productiva força humanitaria, transformar essa coisa mesquinha e trivial que se chama Vaidade, n'essa coisa santa e gigante que se chama Caridade, eis o trabalho grandioso e sacratissimo, o milagre poderoso e extraordinario feito pela augusta e gentilissima Rainha de Portugal.

Um exito excepcional coroou a excepcional obra da Rainha Maria Pia.

O paiz todo comprehendeu o que havia de grande, de santo, de alevantado e de nobre na idéa da Rainha, e correu a coadjuval-a com todas as suas forças.

E a Kermesse da Tapada da Ajuda foi uma festa extraordinaria, brillantissima, unica no nosso paiz, e alcançou um resultado que excedeu toda a expectativa.

Porque, no fim de contas, d'essa festa de caridade resultaram tres grandes proveitos.

Primeiro, uma esmola avultada e excepcional para o cofre d'essa grande e humanitaria instituição de S. M. a Rainha, as creches.

Segundo, um grande movimento vital para a nossa cidade, ordinariamente insipida e parada, um extraordinario movimento que fez girar muito dinheiro, que deu um forte impulso ao nosso viver quotidiano.

Terceiro, estreitar profundamente as relações entre o povo e o Rei, e estreitar-as pelos laços mais seguros e indissolueis, pelos laços da sympathia e do reconhecimento, sympathia e reconhecimento da familia real que vê o povo inteiro correr ao seu chamamento e coadjuval-a com o seu obulo n'essa santa cruzada pelos pobres, reconhecimento e sympathia do povo que vê o Rei e a Rainha descerem do seu throno e andarem esmolando n'uma feira para os filhos dos desamparados, para as creanças dos pobres.

E era um espectáculo digno de se vêr, um espectáculo que deve causar muitas invejas ás grandes côrtes luxuosas e deslumbrantes da Europa, o da Tapada, n'esses tres dias de festa.

Emquanto lá fóra, os reis e os imperadores se couraçam com poderosos exercitos contra o povo que governam e que receiam, de quem são os senhores, mas de quem temem a cada passo ser as victimas, em Portugal, n'este pequeno reino quasi esquecido do mundo politico, os reis e o povo juntam-se n'uma festa real, que é ao mesmo tempo uma festa popular, e misturam-se uns com os outros, sem cordões d'archoiro nem alas de tropa, e confundem-se tanto, que entre aquellá multidão enorme não era facil differenciar os soberanos do povo senão pela sympathia delicada e respeitosa com que o povo distinguia os soberanos.

A festa promovida pela Rainha foi ao mesmo tempo uma festa de caridade e uma festa democratica, e são felizes os povos e os reis onde ha festas como esta Kermesse, felizes os povos porque tem esses reis, felizes os reis porque tem esses povos!

Não é facil imaginar nada mais encantador, mais festivo, mais alegre, mais brillante do que o aspecto da Kermesse na Tapada da Ajuda, nem facil é descrever a animação enorme que allí reinava em todos os tres dias de festa.

As ruas da Tapada, orladas de arvores frondosas, estavam todas embandeiradas, d'um lado e de outro alastravam-se as formosas barracas da Kermesse, cada uma do seu feitio, de phantasias caprichosas que davam um bello aspecto de variedade ao panorama.

Logo, ao entrar na rua da Kermesse, havia a barraca dos jogos, com os seus etagères cheios de premios.

Ao lado, sob uma grande e elegante umbella chinesa, vendiam jornaes a sr.<sup>a</sup> baroneza da Regaleira e sua filha.

Seguia-se a grande barraca do sr. Henrique Burnay, o *Tivoli*, a barraca mais espaçosa da Kermesse e de aspecto mais pittoresco pela belleza dos *costumes* variados das formosas senhoras que n'ella vendiam.

Uma d'essas senhoras vestia de hespanhola, outra de alsaciana, outra de chinesa, e as filhinhas mais pequenas do sr. Henrique Burnay vendiam bolos e morangos vestidas graciosamente de *soubrette*, um encanto de creanças.

Contigua a essa barraca estava a barraca *Fidés*, pertencente ás sr.<sup>as</sup> condessa da Foz, de Rio Mouró e D. Alice Munró dos Anjos.

N'um pequenino pavilhão ao lado, as filhas do sr. Polycarpo Anjos, vestidas de *paysannes suisses*, vendiam queijos e manteiga fresca.

Adeante logo, a barraca da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Guilhermina Jardim, D. Patrocínio Barros Lima, D. Amelia Chamiço e D. Isabel Wanzeller, toda adornada de cobrejóes de cores vivas.

Ao lado, n'uma barraquinha circundada de flores e coberta com um toldo azul e branco, as graciosas filhas do sr. dr. Luiz Jardim vendiam bolos e fructas, vestidas de lavradeiras.

Seguia-se-lhe a barraca da sr. condessa de Valbom, e logo a esta a barraca de S. M. a Rainha, a mais simples de todas, mas com carterza a mais elegante mesmo na sua simplicidade e tendo por unico adorno rosas, ramilhetes e cestos de flores.

A barraca immediata, pertencente ás sr.<sup>as</sup> condessa do Rio Pardo e viscondessa de Taveiro, era forrada de seda azul e encarnada, adornada com festões de flores naturaes.

Seguia-se-lhe a barraca da sr.<sup>a</sup> condessa de Almeida, coberta de tecido de linho em riscos, adornada com numerosas gaiolas com canarios, e sobresaindo entre os objectos para vender, muitos quadros, alguns de valor.

Um pouco adeante, n'uma guaritasinha, vendiam jornaes, um neto do sr. Anselmo Braamcamp e um filho do sr. conde de Sabugosa.

Finalmente, fechando a Kermesse, estava a barraca das *creches*, um castello pintado pelo sr. Manini, uma obra prima de scenographia, de um effeito deslumbrante.

Junto a esta barraca, ficava a barraca do *Sport* do sr. Thomaz Brandão e Alfredo Anjos, onde se atirava ao alvo e se jogava o sabre e o florete.

Eis rapidamente feita a enumeração das barracas da Kermesse, pela sua ordem: os primores que n'ellas se continham, a formosura e a elegancia das senhoras que n'ellas vendiam, sobresaindo entre todas, pela sua gentileza extraordinaria, S. M. a Rainha, não se podem descrever.

A concorrência á Tapada foi enorme.

No primeiro dia estiveram cerca de tres mil pessoas. A entrada n'esse dia era a cinco tostões, e o seu producto junto ao das vendas de todas as barracas produziu um total de 7:000\$000 réis.

A barraca que mais rendeu n'esse primeiro dia foi a de S. M. a Rainha, que em venda de flores produziu 1:538\$000 réis.

No segundo dia estiveram na Kermesse mais de 32:000 pessoas. A entrada era a tostão, e o producto geral da Kermesse n'esse dia, foi superior a 10:000\$000, sendo o da barraca de S. M. a Rainha de 1:800\$000 réis.

No terceiro dia da Kermesse a concorrência foi igual, senão superior á do primeiro dia, podendo calcular-se em 30:000\$000 réis o producto geral da Kermesse.

SS. MM. el-rei D. Luiz, D. Fernando, o Principe Real, e infantes D. Afonso e D. Augusto, andaram nos tres dias comprando em todas as barracas.

No segundo dia da Kermesse as sortes esgotaram-se completamente.

A barraca Restaurant, em que não falámos ainda e que era dirigida pela ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Capitolina Vianna, vendendo refrescos os grandes actores comicos Taborda e Valle, rendeu no domingo réis 215\$000.

A Kermesse ara animada por um grande numero de bandas de musica, pela philharmonica de Canecas sob a direcção intelligente do sr. Silva Castro; os socios do Gymnasio Club, fizeram nos tres dias execucioes gymnasticas; no domingo o sr. Abreu de Oliveira fez uma esplendida ascensão no grande balão de Beudet *A cidade de Lisboa*, nos dois ultimos dias houve mastros de cocagne, e em todos os tres dias da Kermesse, a guarda de honra da barraca de S. M. a Rainha foi feita pelos pequenos alumnos das escolas normaes, que estavam excellentemente uniformizados.

Na Kermesse deram-se alguns episodios dignos de menção.

Um homem velho e mal vestido, appareceu ao balcão da barraca da Rainha e pediu uma rosa.

S. M. deu-lhe uma rosa, ia a por-lh'a no *lapella* mas como as casas do casaco do homem estivessem fechadas, S. M. pegou n'uma thesoura, abriu-lhe uma das casas, e collocou com as suas augustas mãos na *boutonniere* do pobre homem a flor.

O pobre homem metteu então a mão na algibeira e depoz sobre o balcão um punhado de vinte e tantas libras.

Uma salaia tambem, no domingo, foi comprar uma rosa á Rainha, e deu uma libra para se pagar.

S. M. pagou-se da rosa, mas a pobre mulher ficou tão impressionada com a affabilidade e delicadeza da Rainha, que muito commovida e desatando a chorar, pediu a S. M. que guardasse o resto para os pobres.

No segundo dia da Kermesse, quando S. M. entrou na Tapada, estavam já lá milhares de pessoas. Alguns soldados da guarda municipal andavam afastando o povo para abrir passagem a S. M.

A Rainha, porém, ordenou aos soldados que se retirassem e atravessou risonha para a sua barraca por entre o povo que a olhava com o respeito com que se olha para uma mãe, com a admiração com que se adora uma santa.

Na barraca de S. M. houve algumas offerτας grandes. A sr.<sup>a</sup> marqueza do Fayal, filha da sr.<sup>a</sup> duqueza de Palmella, pagou uma rosa á Rainha por 100 libras.

Houve muito quem pagasse rosas a cem mil réis.

Todo o corpo diplomatico residente em Lisboa, comprou flores a S. M. a Rainha a dez mil réis e fez despeza de uma libra em cada uma das barracas.

Em resumo, a festa foi a festa mais brillante, mais concorrida e mais extraordinaria que se tem feito em Lisboa n'estes ultimos annos: foi digna da alta idéa que presidiu a ella, e da Augusta Senhora que a iniciou.

S. M. a Rainha deve estar satisfeitissima com o resultado da sua bella e humanitaria obra e na Historia de Portugal a lenda da Rainha Isabel tem um *pendant*, que a vale bem, a vida da Rainha Maria Pia.

A festa extraordinaria da Kermesse tem attraído todas as atenções e era necessario que Celine Chaumont fosse realmente uma actriz extraordinaria para que n'este momento se desse pela sua passagem em Lisboa.

Effectivamente Chaumont é uma actriz extraordinaria e a sua passagem deixou um sulco luminoso no nosso theatro.

No seu genero Chaumont é hoje uma das primeiras actrizes da França.

Esse genero pôde ser discutido, é effectivamente uma arte de decadencia, mas Chaumont n'essa arte é maravilhosa.

Na primeira noite Chaumont representou em Lisboa a *Cigale* de Meilhac e Halevy, os seus actores predilectos, e teve um successo enorme.

Não podemos assistir senão ao primeiro acto d'essa peça, que traduzida em portuguez com o titulo de *Toutinegra* passara quasi desapercibida no theatro de D. Maria — e, diga-se de passagem, o theatro para que ella era menos propria — e sahimos de S. Carlos deslumbrados.

O primeiro acto da *Cigale* por Celine Chaumont e pela troupe que a acompanha é completo e magistral.

Não ha n'esse acto um reparo a fazer, Celine Chaumont é irreprehensivel, é maravilhosa, ouve-se e vê-se n'um deslumbramento e os bravos saem a todo o momento expontaneos dos labios.

Na segunda noite representou-se o *Divorçons*, e a impressão que Celine Chaumont nos produziu na peça de Sardou foi muito inferior, e se a tivéssemos apenas visto no primeiro acto da *Cigale* ficaríamos tendo por ella muito maior entusiasmo.

Na *Cigale* não vimos senão bellezas, no *Divorçons* começamos a ver defeitos, sendo os principaes o abuso das caretas, o exagero na convenção theatral, a *ficelle* para produzir os effeitos.

E' possivel que Celine Chaumont carregue exageradamente o papel por estar no estrangeiro, primeiro pela liberdade que um artista parisiense toma sempre que não está deante da critica severa de Paris, segundo por julgar talvez necessario fazer comprehender pelo gesto, pela expressão o que imagina que uma platéa estrangeira não poderá comprehender tão nitidamente pela linguagem fallada, procurando assim fazer-nos comprehender pelos olhos o que nos poderia escapar pelo ouvido.

Seja, porém, como fôr o que é certo é que o personagem de Cyprianna Desprunelles do *Divorçons* feito por Celine Chaumont é representado e não vivido, sobre tudo no 1.<sup>o</sup> acto. Tem coisas magistralmente feitas esse papel, principalmente parte do 2.<sup>o</sup> acto, e todo o 3.<sup>o</sup> acto, sobresaindo entre elles a scena muda, atraz do biombo, durante o dialogo de Desprunelles e Adhémar, que é esplendidamente representada, mas tanto maior é o talento e a reputação de Celine Chaumont quanto mais o desempenho do *Divorçons* deve alegrar o nosso amor proprio de portuguezes, pois temos uma actriz que é muito mais completa, muito mais artista, e muito mais moderna n'esse papel — Lucinda Simões.

Falta-nos espaço para *detalhar* hoje mais a nossa analyse do desempenho do *Divorçons* por Celine

Chaumont, e a apreciação geral da artista, que ainda hoje e amanhã veremos em dois outros papeis.

Na nossa proxima chronica poderemos fazer da illustre actriz franceza apreciação mais completa e minuciosa.

Gervasio Lobato.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### O ACTOR JOÃO ROSA

Um artista de raça, João Rosa. Filho d'um grande artista, sustenta as tradições gloriosas de seu pae sendo um grande artista tambem.

Primorosamente educado, impellido por uma vocação sincera, João Rosa trouxe para o theatro, logo ao entrar na vida, a sua mocidade, o seu talento, a sua tenacidade energica, a sua boa vontade indomavel.

Os seus progressos foram rapidos, o seu apparecimento foi logo uma victoria, e em poucos annos de trabalho João Rosa alcançou pelo consentimento do publico o logar proeminente na scena portugueza, logar em que o tem mantido o seu estudo persistente, o seu talento cada vez mais brilhante, cada dia affirmado em novas e gloriosas creações.

Foi ha vinte annos, que João Rosa se estreiou no Porto, n'uma peça intitulada as *Jóias da família*.

D'alli a um anno, em 15 de agosto de 1865 João Rosa estreitava-se em Lisboa no *Ricardo III*, em 31 de outubro d'esse mesmo anno entrava pela primeira vez no palco de D. Maria, representando com exito na *Sabina Maupin*.

A esta peça seguiram-se outras com successo sempre crescente, sem que um momento sequer empallidecesse a brilhante estrella do distincto actor.

Os *Fidalgos de Bois Doré*, os *Nobres e plebeus*, os *Amores de Condé*, valeram-lhe grandes applausos e puzeram o seu nome em evidencia, e d'alli a annos, quando a morte de Tasso deixou vago o logar de primeiro galan dramatico do theatro portuguez, João Rosa conquistou-o rapidamente com a creação notabilissima do Genaro da *Lucrezia* de Hugo, e do Karloo da *Patria* de Sardou.

Em 1872, uma trica de bastedores, fel-o sahir de D. Maria. João Rosa acompanhado por Cesar Polla, Pinto de Campos, Jesuina e outros, sahiu do theatro de D. Maria e passou ao theatro do Gymnasio. Ahi em duas epochas brillantissimas, João Rosa continuou a serie de seus triumphos, e no seu já grande repertorio marcou mais tres creações de primeira ordem a de *Filho de Gyboier*, *Opinião publica* e *Suonatrice d'arpa*.

Do Gymnasio, João Rosa passou á Trindade em 1874. Em 1875 esteve afastado do theatro, e casou com a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Carlota Gomes Leal, sobrinha dos srs. marquezes de Penafiel, uma distinctissima e virtuosa senhora da nossa primeira sociedade que peo ao grande artista a felicidade tranquilla do lar, que nem sempre é a doce companhia das ruidosas glorias do palco.

Afastado pouco tempo do theatro a nostalgia da scena atormentava-o já, e em 1876, João Rosa voltou para o theatro de D. Maria d'onde nunca mais sahiu e de que é uma das mais brillantes glorias.

De então para cá, João Rosa progrediu, quando toda a gente julgava que elle chegara já ao zenith da sua gloria.

É um grande artista, e de dia para dia se apresenta maior, depois do *Genro de Poirier*, a *Vida Infernal*, depois do *Camhado a Estrangeira*, depois da *Estrangeira João Baudry* uma das mais completas, irreprehensíveis e magistraes creações scenicas do nosso thatro; depois do *João Baudry* o Yago do *Othello*, uma creação genial, que passou de ser uma gloria do artista a ser uma gloria da Arte Portugueza e finalmente depois do Yago o *Cardeal de Richelieu* um colosso de proporções Shaksperiannas com quem só se atrevem a arrastar os maiores artistas da Inglaterra, da Alemanha e da America, uma victoria tanto mais gloriosa quanto mais arriscada era.

\*  
\* \*

É esse grande successo artistico de João Rosa que nós hoje registamos, apresentando em gravura

o illustre artista caracterizado de cardeal de Richelieu, e agora terminaremos esta rapida noticia ácerca de João Rosa com algumas breves considerações ácerca d'essa peça que é considerada em Inglaterra como um monumento litterario.

O *Cardeal de Richelieu* de Sir Edward Bullwer Lytton Bullwer, é o que os inglezes chamam *play*, isto é peça, participando da tragedia como elles a comprehendem, moldes shaksperianos, da comedia e do drama.

Ha cerca de 30 annos o theatro inglez estava decadente. O repertorio sustentava-se quasi todo com traducções francezas, e affastava os originaes. Tres grandes actora, Macready, talvez a maior tragico do seculo, e Webster e Ch. Mathews senior, dois originaes comediantes de genero e individualidade absolutamente diversas, luctavam sós contra a corrente invasora, e deram o exemplo pagando largamente as peças originaes e offerecendo premios para animar os auctores.

Foi n'este momento que appareceu Dion Boucicault, o fertil auctor dramatico que toda a Europa conhece, e sir Edward Bullwer Lytton, cuja reputação era já enorme fóra do theatro.

A primeira peça de Bullwer, intitulada *Money*, foi um exito colossal, devido em parte ao grande Macready. D'alli a um anno Bullwer apresentava ao mesmo illustre actor o esboco de *Richelieu*. Macready apaixonou-se pelo personagem do cardeal, auxiliou e aconselhou Bullwer no acabamento da peça, e um anno depois, em 1843 ou 1844, o *Cardeal de Richelieu* subiu á scena, e foi um verdadeiro triumpho para o auctor e para Macready no papel do protagonista, ficando para sempre no seu repertorio.

Depois de Macready desempenhou o papel de Richelieu com bastante exito o notavel tragico Phelps.

Kean teve sempre medo da peça, e tendo por mais d'uma vez tentado estudal-a, desistiu sempre de a fazer.

H. Irving representou-a brillantemente ha dois ou tres annos; o tragico americano E. Booth tem no papel de Richelieu, em que é eximio, a sua primeira corôa.

Recentemente, o illustre tragico americano Laurence Barret fez o *Richelieu* em Londres, com um grande successo, segundo alguns criticos notaveis, um mediocre exito segundo outros. Estas divergencias da critica, porém, o que provam é que Barret, espirito innovador e independente, foi de encontro ás tradições do papel, deu-lhe uma interpretação sua, como grande artista que é, interpretação que agradou muito a uns e desagradou menos a outros.

O *Cardeal de Richelieu* de Lytton tem sido tambem representado com successo na Alemanha por mais d'um artista illustre; mas, pelo seu caracter especial, tanto em Inglaterra, como na Alemanha, como na America, só se representa quando ha um grande artista para o papel, e nunca é representado por companhias *d'ensemble*.

Em Lisboa o *Cardeal de Richelieu* não teve exito correspondente á sua gloriosa tradição, ao brillante desempenho de João Rosa, e á magnificencia com que foi posta em scena. Essa falta de successo parece-nos poder-se attribuir talvez ás enormes modificações que o seu illustre traductor lhe fez para a adaptar ao nosso theatro.

Na traducção, aliás habilissima, o drama de Lytton, que é feito em muitos quadros e mutações á vista, soffreu numerosos côrtes e alterações para ter a unidade d'acção indispensavel para o nosso publico e para o nosso theatro, e essas alterações, embora feitas com extrema arte e com profunda intelligencia, esfriaram muito a peça e diminuíram o seu interesse.

R.

### EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA

Como promettemos, o OCCIDENTE começa hoje a occupar-se da exposição agricola da Tapada da Ajuda, d'esse facto brillante que marca uma nova era de prosperidade na historia da nossa industria e da nossa agricultura.

A gravura que damos hoje representa o pavilhão principal da exposição, que, collocado no alto da Tapada, domina o esplendido panorama do Tejo e de toda a cidade marginal.

Esse pavilhão elegantissimo e que tem sido louvado por todos quantos tem visitado a exposição, foi feito segundo o risco e sob a direcção do illustre architecto Avila, um dos architectos mais notaveis do nosso paiz e que tem no estrangeiro um nome laureado justamente pelo seus bellos trabalhos e pelo seu brillante talento.

Nos proximos numeros continuaremos a publicar desenhos da exposição e começaremos a serie de artigos que a respeito d'essa notabilissima exposição está escrevendo um nosso amigo e distincto collaborador, artigos que não principiamos a publicar ainda hoje por não nos terem chegado a tempo de entrarem n'este numero.

R.

### JOSE MARIA TEIXEIRA

Vem hoje o nosso periodico cumprir um dever de homenagem por um illustre fallecido, archivando nas suas columnas mais um nome respeitavel e respeitado, que honrou a classe a que pertencia e concorreu com o seu trabalho e intelligencia para o derramamento da instrucção em um dos seus ramos mais importantes.

As difficuldades que na nossa terra ha quasi sempre em obter os elementos indispensaveis para a devida commemoração dos cidadãos prestantes que acabaram a sua nobre missão na terra, ou ainda proseguem n'ella com alta distincção e sobrada dedicacão faz com que ás vezes não possamos cumprir para com o publico este sagrado dever, ou tenhamos, como n'este caso, de o fazer um pouco tardiamente.

Foi a 25 de novembro do anno passado, 1883, que as trevas da morte cerraram para sempre os olhos ao illustrado professor do Instituto geral de Agricultura, o sr. José Maria Teixeira.

Exercendo successivamente os empregos de veterinario militar e lente da antiga escola de Veterinaria militar, em qualquer d'esses exercicios deu sempre provas de assiduidade no serviço, intelligencia elevada, e abalizada cultura. Mais tarde, quando se organisou o *Instituto Geral de Agricultura*, foi aquella escola n'elle incluída e José Maria Teixeira passou para elle na qualidade de professor de pathologia veterinaria, sendo tambem intendente da referida escola e vice-presidente do conselho especial veterinario d'ella.

A sua elevada intelligencia, diz um dos seus biographos, de que deixou vestigios brillantes na regencia das cadeiras que lhe estiveram confiadas, e nos seus numerosos escriptos sobre as sciencias veterinarias, as virtudes extraordinarias que lhe ornavam o coração, a sua excessiva modestia que não lhe permittia nunca procurar os deslumbramentos do mundo e que o incitava a occultar-se por forma, que as multidões só sabem que existiu entre ellas esse homem verdadeiramente sabio e justo pela apothese posthuma, que começou hoje, faziam d'elle um homem adorado de todas as pessoas que com elle tomavam conhecimento.

Effectivamente o nome de José Maria Teixeira pouco soava fóra do circulo dos seus discipulos dos seus amigos e do restricto numero de homens que se applicam aos mais arduos trabalhos do saber humano.

Devia pois ser objecto de curiosidade o sahimto numeroso e variado, onde entrava a mocidade e a idade veneranda, os militares e os funcionarios publicos, alguns representantes mais conspicuos da sciencia entre nós, e todos com os olhos marejados de lagrimas, como se o feretro lhes occultasse um pae ou um irmão. Era uma e outra coisa para os discipulos e collegas.

A beira da sepultura discursaram em phrase sentida e singela o sr. Conselheiro Lapa, seu collega no professorado, em nome do conselho escolar; o sr. Sabino de Sousa, em nome do conselho especial de Veterinaria; os srs. Mario Vianna e Santos Vasques em nome dos Veterinarios militares; o sr. Antunes Pinto em nome dos chefes do serviço do Instituto; os srs. Portugal da Silva e Sertorio d'Almeida em nome dos alumnos do curso de agronomia; o sr. Silva Roza em nome dos do curso de Veterinaria, e o sr. Henrique Gonzaga em nome dos empregados da secretaria do Instituto. O conselho escolar, o especial de Veterinaria, os chefes de serviço, os alumnos Veterinarios, os Veterinarios militares, os empregados maiores, e menores do Instituto, cada uma d'estas classes depoz uma coroa sobre o sarcophago, ás quaes se juntaram uma do sr. Conselheiro Lapa e sua esposa, e outra do sr. Santos Viegas, e Ignacio Ribeiro.

Esta unanimidade de suffragios, mostra a grandeza do merecimento do professor, cujas publicações em periodicos scientificos tornaram o seu nome respeitado, principamente fóra do paiz, como em França, Inglaterra e outras nações onde era citado com respeito e auctoridade, e a bondade da sua alma que sabia congraçar tanto respeito, e pensares diversos, sem excitar a minima malquerença.

Havia nascido a 6 de Agosto de 1824, e descansam os seus restos no Cemiterio Occidental.

## MULHERES GREGAS

ASPASIA, SAPPHO, ERINNA, MYRO, TELESILLA, MYRTIS, NOSSIS, ANYTE, PRAXILA, CORINNA, ANAGALLIS, ARETA, HYPATIA, ELARA, PAMPHILE, ANNA COMNENA, EUDOXIA, IRENE.

(Continuado do n.º 194)

De todas as mulheres de Athenas, a unica que adquiriu uma celebridade intellectual, de que a posteridade conserva memoria, é Aspasia. O tempo

apagou os nomes das Hetairas que, antes e depois d'ella, sobresahiram. Um escholiaste antigo attribue, não se sabe porque, o oitavo livro dos *Annaes* de Thucydides a sua filha; conto ridiculo que nem sequer nos dignamos refutar.

O catalogo das poetizas da Grecia seria extensissimo, se quizessemos adoptar sem exame todas as asserções dos commentadores. Mas, applicando a essas reputações equivocadas as regras de uma critica severa, causará não pouco assombro o velas desaparecer ou dissipar-se. Giraldu de Ferrara,

Tiraquelli e os que os copiaram, elogiam uma certa Agaclea, poetiza afamada do seu tempo. Esta Agaclea, é nome supposto — um epitheto de alguma personagem menos chimerica do que ella. Um só nome (*Nóssis*), accentuado e escripto orthographicamente de varios modos, deu origem a muitas entidades diversas: *Nysis, Nosis, Nousis*, etc. *Nóssis* é a unica que tem direito ás nossas homenagens. Do mesmo modo a lenda catholica, tão escrupulosamente depurada por Baillet, apresenta um sem numero de abusões: santos que nunca vi-



JOÃO ROSA NO PAPEL DE RICHELIEU (Desenho de M. de Macedo, segundo uma photographia de Fillon)

veram senão no calendario, outros que devem a sua existencia a erros orthographicos, e outros que são simplesmente nomes de cidades ou provincias, idolos antigos, rios ou florestas, metamorphoseados em pessoas. Quantas decepções d'este genero no meio das nossas recordações classicas! Quantos santos simulados entre as glorias mais reverenciadas! Quantos grandes homens postigos entre os verdadeiros!

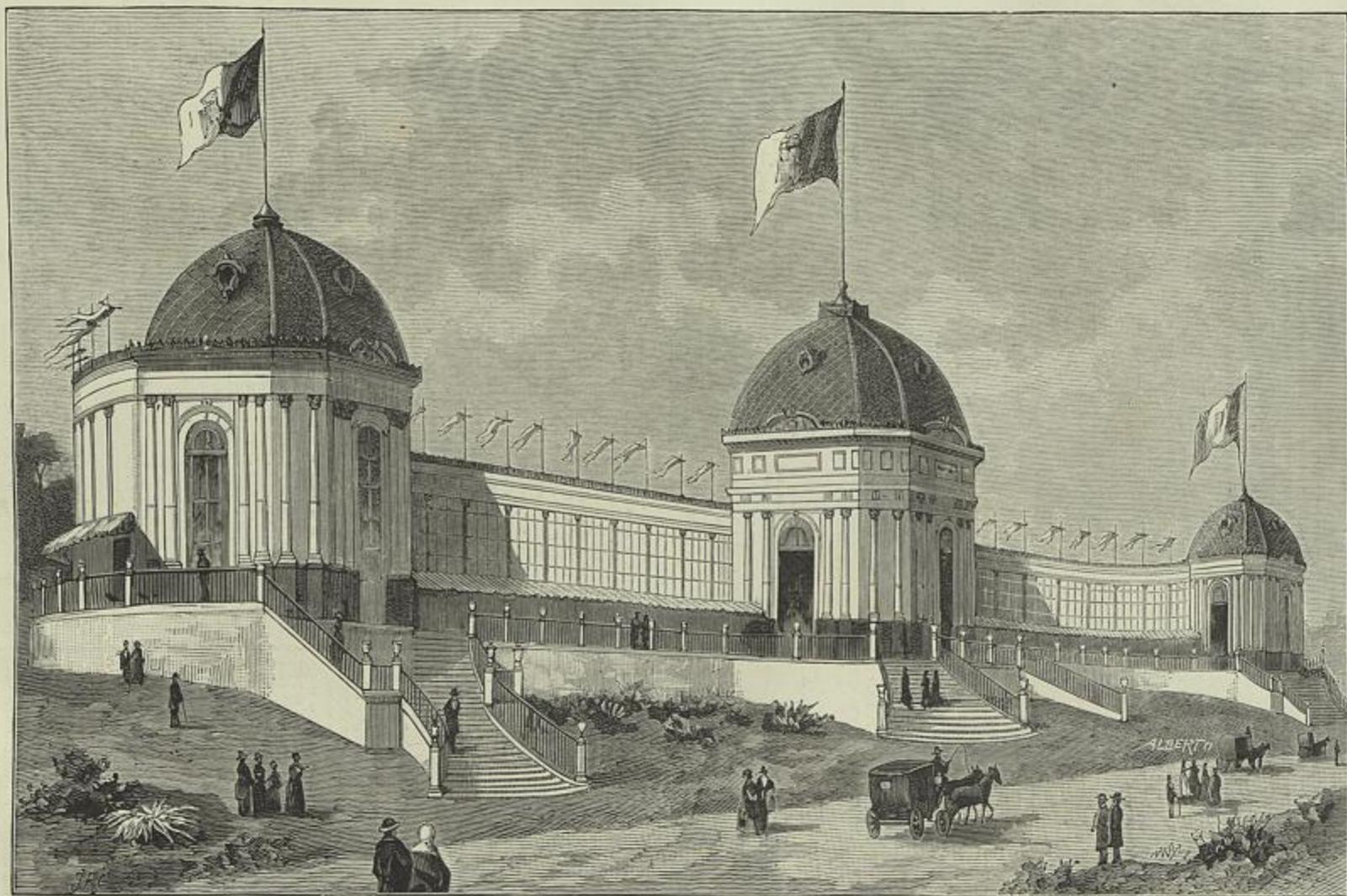
Um d'esses gregos do seculo de Augusto, que punham em versos pentametros e hexametros tudo quanto lhes impressionava o espirito, recordações, imagens, epigrammas e torcicollos, Antipatro de Thessalonica, metrificou em elegantes nu-

meros, não o catalogo completo das setenta e seis pretendentes á palma poetica, mas uma lista muito mais succinta e que contém os nomes das nove mais illustres entre ellas.

Diz assim:

Entre as vossas florestas sacrosantas  
Venerando Helicon, Pierio augusto!  
Nove mulheres inclytas nasceram,  
Que homenagens e offrendas mereceram  
Dos mortaes e dos deuses. Todas ellas,  
As suas lyras bellas,  
Sonoras, inspiradas,  
Ao amor consagraram  
Aos combates, á gloria,  
Á suave e ternissima memoria  
Das venturas passadas:

O grande astro de Lesbos, Sappho ardente,  
Farol brilhante de poesia: Erinna,  
De belleza esplendente;  
A Myro peregrina;  
Telesilla, que, celebre entre as mais,  
Cantou a patria em odes liberaes;  
Myrtis, a do gorgeio melodioso;  
Rival de Homero, Anyta;  
Nóssis, que n'alma imprime,  
Com ternura infinita,  
O sentimento grato e amoroso  
Que em languidez sublime  
A submerge; Praxilla, a feiticceira,  
Cujó olhar illumina  
E a todos causa enleio;  
E Corinna, a guerreira,  
A formosa Corinna,  
De coração sereno,



EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA DE LISBOA — PAVILHÃO PRINCIPAL

Que a égide de Pallas, com que o seio  
 Virginal se cobria na peleja.  
 Cantou com estro ameno  
 Em que o seu genio audaz brilha e lampeja.  
 Artistas todas nove  
 De versos immortaes,  
 Se as Musas dão prazer aos céos e a Jove,  
 Estas, suas rivaes,  
 São da terra o encanto e dos mortaes.

Nos trezentos annos que decorreram de Sappho até Myro, muitas mulheres escreveram; mas de toda essa gloria apenas nos restam algumas paginas.

A primeira em data é tambem a mais digna da nossa admiração: Sappho. Paremos um pouco a contemplar este curioso retrato, que os seculos teem ido apagando sem empannar o singular esplendor que irradiava. Como mulher, como poetiza, como victima do amor, merece a mais profunda attenção.

Comecemos por desfolhar todas as ficções que rodeiam este nome afamado. O amor de Anacreonte por Sappho é uma d'essas lendas cujas nuvens coloridas veem accumular-se, para assim dizer, em torno de todos os nomes celebres: lendas que comprovam a gloria e a obscurecem; sonhos a que não falta graça e que encantam a imaginação, mas que dão ás personagens de fama não sei que colorido mythologico, fatal ao interesse que nos inspiram. Taes são o certamen de Hesiodo com Homero, e os amores de Sappho e Anacreonte. Hesiodo nasceu muito depois de Homero; e o texto do dialogo que se lhes attribue, tecido de enigmas, de logogryphos e simples banalidades, é obra de algum pedante de Alexandria, vindo ao mundo mil annos depois de morto Hesiodo; puerilidade miseravel que não merecia a critica de que a julgaram digna. Estão no mesmo caso a carta de Jesus Christo á Virgem Maria, e o Evangelho de Maria, mãe de Christo, obras apocryphas filhas de uma fé candeida, cega e muito desculpavel, mas nulla sob o aspecto da arte.

(Continua)

Francisco de Almeida.

## A DEPUTAÇÃO DO TRANSVAAL

Na historia da organização dos estados modernos, nenhum povo figura com uma pagina mais brilhante do que a republica sul africana, nome por que hoje é oficialmente conhecido o territorio do Transvaal.

Um punhado de homens valentes, fugindo ao dominio inglez, que se lhes tornára intoleravel na colonia do Cabo, attrelou o gado ás suas carretas, e começou em 1836 uma longa e fadigosa peregrinação pelo norte dentro, levando consigo mulheres e filhos, gados e alguns poucos haveres, e desamparando terras, searas e habitações em troca da liberdade.

Esta emigração para paizes desconhecidos e silvestres, que em certos casos duçou perto de cincoenta annos, e que foi sempre cercada de perigos extraordinarios, provenientes dos accidentes do terreno, da interposição de rios caudalosos, do encontro com as feras, e das aggressões de populosas tribus indigenas, é, para aquelles que a conhecem nos seus mais minuciosos pormenores, um dos mais epicos assumptos dos fastos da humanidade.

Alguns d'esses emigrantes, nas suas aventurosas jornadas, foram até á costa do nascente e fundaram a colonia do Natal; mas pouco depois o governo inglez, que os perseguia como subditos rebeldes, e que não queria reconhecer-lhes o direito de occupar territorios estranhos, nem sequer o de se subtrairem em qualquer parte onde elles viessem a estabelecer-se, ao dominio britannico, annexou aquella colonia e hasteou n'ella a sua bandeira.

Novamente em marcha, os boers foram fundar a republica de Orange, e alguns, passando para o norte do rio Vaal, fundaram a republica do Transvaal, cuja autonomia foi finalmente reconhecida por commissarios britannicos em uma convenção celebrada em 1852.

As duas republicas irmãs foram prosperando e constituindo-se, apesar das guerras que durante annos tiveram de sustentar com o sanguinario regulo Muzilikatse, até finalmente o expellirem para o norte do Limpopo, onde ainda hoje reside o seu successor Lo-Bengula.

Em 1870 foram os primeiros diamantes encontrados nos rios Hart e Vaal, e pouco depois essa parte do paiz era violenta e arbitrariamente arrancada á republica de Orange, formando-se com ella a provincia ingleza de Griqualand Occidental, a qual hoje, annexada á colonia do Cabo, faz parte integrante d'ella.

Em 1877, por motivos mais ou menos falsos, foi

o Transvaal inesperadamente annexado aos dominios britannicos, aproveitando-se as dissensões intestinas provenientes dos preparativos para uma eleição presidencial, e explorando-se pouco escrupulosamente as más disposições que contra a republica manifestavam o regulo Secocoeni e o rei dos zulus.

Em 1880, depois de esgotados todos os meios brandos empregados pelos boers do Transvaal para pedir justiça, rompeu a memoravel guerra para sacudir o jugo inglez, que veio a terminar em março de 1881 pela conquista da sua independencia, sujeita contudo a certas restricções e regulada por uma nova convenção celebrada em agosto.

Finalmente em fevereiro d'este anno foram obtidas pelos boers do Transvaal mais amplas liberdades, celebrando-se em Londres uma nova convenção, que assegura á vigorosa republica todas as condições politicas de um estado livre e independente.

O presidente d'este estado, que esteve entre nós, e que é chefe da missão diplomatica enviada á Europa, para negociar a nova convenção, e para contratar um emprestimo para a construção do caminho de ferro, que ligue a republica ao porto de Lourenço Marques, merece por todos os motivos a consideração dos portuguezes e do seu governo.

Saudamol-o, portanto, no nosso periodico, e daremos aos nossos leitores alguns traços biographicos d'este notavel cidadão, e dos seus compatriotas.

### O PRESIDENTE KRUGER

Stephanus Johannes Paulus Kruger nasceu a 10 de outubro de 1825 em Colesberg, na colonia do Cabo, de familia honrada estabelecida no paiz durante varias gerações.

O tratamento injusto infligido aos colonos boers pelo governo inglez colonial, determinou o pae do nosso hospede a abandonar a colonia, embrenhando-se pelo norte dentro em 1835 com os primeiros emigrantes, e indo esperar na margem do rio Orange o grosso da emigração, que só no anno immediato se lhes veio juntar.

Ali se acharam a braços com o poderoso Muzilikatse, como ha pouco vimos, o qual lhes roubou muito gado e algumas mulheres e crianças, fazendo um espantoso morticínio. As mais cruentas batalhas dadas pelos boers a este regulo foram feridas no territorio que é hoje o Transvaal. Paulo Kruger, apesar da sua tenra idade, recebeu o seu baptismo de fogo, figurando já desde 1838 nas expedições armadas contra o poderoso potentado indigena e servindo valorosamente o seu paiz a partir d'essa data sem interrupção.

Paulo Kruger ou o tio Paulo, *oom Paul*, como familiarmente lhe chama o povo, subiu a todas as distincções nos campos de batalha e nas luctas parlamentares, e foi de grau em grau até alcançar a suprema magistratura politica do seu paiz. O seu valor nas guerras ficou proverbial entre os indigenas. O seu tacto sagaz alcançou-lhe em politica uma bem merecida reputação, ao passo que a sua grande moderação, de que tem dado innumeraveis provas, tanto na guerra como na paz, é uma das mais notaveis feições do seu bem accentuado caracter.

Paulo Kruger attribue tudo a Deus, e considera a religião christã como unica origem da sua força e das victorias dos seus concidadãos.

Tendo casado em 1842 com uma senhora Duplessis, enviuvou no anno seguinte. Em 1844 casou de novo com uma prima de sua primeira mulher, tambem de appellido Duplessis, a qual lhe deu 17 filhos dos quaes 10 estão vivos.

Em 1842 foi Kruger nomeado *yeldkornet* ou official de districto, especie de auctoridade administrativa, logar que exerceu até 1851 em que o nomearam *commandant* ou general. De tal maneira se houve elle no desempenho dos seus deveres administrativos e principalmente militares, que em 1860 foi nomeado general em chefe.

Este posto dava-lhe já assento no conselho executivo (*Uitvoerende Raad*) onde elle serviu n'essa qualidade até 1873. N'esse anno foi nomeado vogal effectivo do dito conselho, logar que exerceu até 1876. Em 1876 foi eleito vice-presidente da republica, e em 1883 presidente.

Em 1877, logo depois da annexação do Transvaal, foi Kruger nomeado pelos seus collegas do conselho para com o doutor Jorissen, procurador geral da republica, e secretario d'estado dos negocios estrangeiros, ir a Inglaterra apresentar o protesto do conselho e do presidente contra o acto violento da Inglaterra. Foi essa a primeira vez em que o nosso biographado sahio do seu paiz.

Basta que nos representemos no espirito as vi-

cissitudes politicas inteiramente extraordinarias e excepcionalmente difficeis, que a republica tem atravessado, para comprehendermos, ainda que por alto, os grandes dotes de estadista que deve ter Paulo Kruger, e especialmente quando dissermos que elle sempre mereceu a mais absoluta confiança e sympathia de todo o seu povo.

### O GENERAL SMIT

Nicolaas Jacobus Smit nasceu a 30 de maio de 1837 em Beaufort West na colonia do Cabo, e é o primogenito de sete irmãos. Tinha apenas um anno, quando seus paes emprenderam com os outros descontentes o grande movimento da emigração, para sacudirem o oppressivo jugo inglez, e ganhar a sua tão querida liberdade.

A familia Smit estabeleceu-se em Natal, mas pouco gosou da paz e socego que buscava, porque em 1846 a Inglaterra forçava-a de novo a emigrar indo então estabelecer-se ao norte do rio Vaal.

Aos 14 annos Nicolaas Smit entrava pela vez primeira em fogo nas expedições contra os cafres; e aos 16 alistava-se ao serviço do governo. De 1859 a 1870 exerceu as funções de *yeldkornet* ou commandante de districto, que corresponde a uma especie de governador civil e militar de uma certa circumscripção.

Nos intervallos das guerras, o nosso moço guerreiro entretinha-se na caça. É simplesmente prodigiosa a quantidade de elephantas, leões, e outra caça grossa, que elle matou n'essas excursões, em que percorreu o paiz em todas as direcções, e especialmente para o Norte do Limpopo, e para N. E. até ao lago Ngami.

Em 1861 casou o nosso valente Nicolaas Smit com Hendrika Stephina Pretorius, que lhe deu cinco filhos.

Durante a guerra contra a tribu indigena dos Mapelas foi Smit ferido por cinco balas, uma das quaes o deixou gravemente enfermo durante mezes. Sua estremecida familia e seus amigos receiam muito pela sua vida; mas felizmente a providencia salvou-o para a patria.

Como militar, serviu muito tempo junto do presidente Pretorius na qualidade de ajudante de ordens, e posteriormente na mesma qualidade junto de Kruger. Em 1881 foi feito *rechtgeneraal* ou tenente general durante as operações de guerra contra os inglezes nos desfiladeiros dos Drakensberg. O seu talento tactico, e os arrojados valores praticados por elle então, como commandante de forças nas batalhas de Ingogo e de Majuba, que decidiram do exito da campanha, são verdadeiramente tão assombrosos, que por si sós bastariam para fazer a reputação de qualquer cabo de guerra em qualquer paiz. A batalha da serra de Majuba com especialidade é dos feitos guerreiros mais brilhantes que teem sido praticados em qualquer tempo e por qualquer nação, não duvidamos affirmar-o. Os proprios inglezes sinceros e imparciaes fizeram justiça á valentia e á generosidade do general.

Em 1881 foi Smit eleito vogal do *volksraad*, ou camara dos deputados. Nos ocios da guerra e da politica reside elle porém nas suas herdades, *farms*, situadas no districto de Ermelo sobre as margens do Vaal, onde elle se entrega á agricultura com o maior cuidado.

### O MINISTRO DU TOIT

Stephanus Jacobus du Toit nasceu a 9 de outubro de 1847, no districto do Paarl na colonia do Cabo da Boa Esperança, onde a população, por mais adstricta ao labor da terra, não adheriu geralmente ao grande movimento de emigração de 1836. Foi no Paarl que principalmente se estabeleceram os refugiados huguenotes, expulsos da França para a Hollanda depois da revogação do edicto de Nantes, e transportados depois para o Cabo pela antiga companhia das Indias Neerlandezas. Alli começaram aquelles emigrantes a cultivar a vinha, sendo ainda hoje aquelle o districto onde ella mais admiraveis resultados produz em toda a colonia.

Os paes de Stephanus du Toit provinham de familias distinctas francezas dos nomes de du Toit e du Plessis. A emigração hollandeza preponderou porém tão fortemente sobre a de outras proveniências, e as antigas leis do paiz eram tão severas ácerca do uso das linguas, que da franceza apenas hoje restam os nomes das familias, que nem já a fallam ou entendem.

O nosso biographado dedicou-se ao estudo da theologia e tomou ordens sacras em 1874 como sacerdote da igreja hollandeza reformada, sendo depois convidado a fixar-se como pastor em 12 diversas povoações. Officiou temporariamente na cidade do Cabo, em Wellington e em Tulbagh, e

a final veio a fixar-se permanentemente como parcho do Paarl, sua terra natal.

Ali o joven ministro dedicou-se não sómente ao bem estar do seu rebanho, que o respeitava e estimava, mas também a escrever varias obras, tomando sempre e ao mesmo tempo uma parte muito activa em todos os movimentos patrióticos, os quaes, com a complicação progressiva dos acontecimentos políticos, vieram por fim a absorver-lhe todas as atenções.

Posto que subditos britannicos pelo nascimento e pela residencia, todos os que habitavam no Paarl e n'outras terras do Cabo, e em cujas veias corria sangue de origem hollandesa ou franceza, não podiam deixar de tomar um vivo interesse nos acontecimentos do Transvaal, onde as prepotencias dos inglezes acordavam echo em corações de parentes e amigos espalhados por toda a Africa Austral.

Citaremos alguns exemplos de acrysolado patriotismo posto em acção pelo nosso du Toit. Ao chegar-lhe a noticia de que os boers, que haviam fugido á dominação ingleza no Transvaal, e se haviam dirigido pelos sertões desertos do noroeste para o interior de Mossamedes, se achavam em muito precarias circunstancias, foi elle o primeiro que, advogando a sua causa, pediu esmola para elles, que em pouco tempo chegou a alguns centos de libras. Outros parochos lhe seguiram o exemplo; e elle, com uma santa abnegação, percorreu a colonia do Cabo, o Estado de Orange e o Transvaal, pedindo esmola com intenção de ir depois pessoalmente em soccorro dos seus amigos e patricios. Ao chegar á republica de Orange, soube que os pobres expatriados se viam inteiramente desprovidos de tudo nas visinhanças de Mossamedes. Telegraphou immediatamente para o Cabo, que visto que era então mais facil levar os soccorros por mar do que por terra, lembrava que fosse expedido um navio com provimentos de todo o genero. Esta sensata idéa foi aceita, não chegando elle comtudo ao Cabo a tempo de partir, e sendo substituído n'essa santa missão pelo reverendo Cachet, que acompanhou a expedição.

Outro exemplo: Quando no Cabo constou que a Inglaterra havia annexado o Transvaal, congregou elle sem demora um grande comício no Paarl, onde calorosamente advogou a justa causa da violentada republica. Foram ali tomadas resoluções stygmatisando a annexação, as quaes foram comunicadas ao governo, e seguidas de identico procedimento em outras terras, alastrandose assim, por toda aquella parte da Africa, o descontentamento de todos perante um tão barbaro e insolito attentado.

Quando no Transvaal foi decidido enviar-se á Inglaterra uma deputação de boers para pedir justiça, robusteceu elle aquella resolução, apresentando uma petição dirigida á Rainha n'esse sentido, assignada por seis mil habitantes leaes da colonia do Cabo, que imploravam a sua magestade que mandasse novamente entregar aos seus legitimos possuidores o territorio usurpado.

Quando foi mandada á Inglaterra a segunda deputação, depois do mau exito da primeira, advogou elle ainda a sua causa, juntando outra petição á Rainha com sete mil assignaturas. E quando mais tarde rebentou a guerra de 1880, convocou meetings, enviou energicas representações ao alto commissario britannico no Cabo; organisou uma commissão de vigilancia, de que foi eleito presidente, angariou subscrições pecuniarias para os feridos, e mandou medicos para os campos de batalha.

Ainda mais: Não obstante mais de dois terços da população da colonia do Cabo falar quasi unicamente o hollandez, era o inglez a unica lingua oficialmente permittida no parlamento, nos tribunaes, nas escolas, nas repartições publicas, etc. Du Toit, revoltado contra tão injusto procedimento, que pelo correr dos tempos suffocaria o hollandez, allegando o direito ao uso da lingua vernacula, implorou o parlamento do Cabo, defendeu os seus pedidos em artigos de jornaes, e publicou alguns pamphletos. Felizmente foram os seus esforços coroados de bom exito, e a lingua hollandesa obteve as mesmas regalias que a ingleza, sendo hoje indifferentemente usada qualquer d'ellas no parlamento, nas escolas, nos tribunaes e nas repartições. Esta conquista tem um grande alcance futuro, se especialmente attendermos á significação lata a que se presta o titulo da *republica da Africa Austral*, e a que ainda ha pouco dizia um filho d'aquelle paiz, que a Africa Austral pertencia de direito á raça branca já existente ali ha muitas gerações, e não aos invasores anglo-saxonios de hontem.

Para defender e propagar estas idéas no animo do publico, encetou Du Toit a publicação de um jornal patriótico no Paarl, e posteriormente orga-

nizou uma sociedade politica denominada *Afrikaner Bond*, ou liga africana.

O periodico chama-se *Afrikaanse Patriot*, e é escripto, não no hollandez puro da Hollanda, mas na lingua vernacula falada hoje pela população branca da Africa Austral, que differe da outra em ter uma grammatica mais simplificada. A sua tiragem, de muitos milhares de exemplares, é a maior de todas as publicações d'aquelles paizes.

O principal fim d'este jornal foi advogar a causa do Transvaal depois da annexação, e dirigir a opinião publica n'esse sentido, em quanto os outros aconselhavam os boers a que se submettessem ao dominio estrangeiro, e acceitassem o inevitavel.

O *Afrikaner Bond* tinha por fim ligar o espirito dos boers em uma comunidade de idéas e de interesses, incital-os a que não abandonassem as urnas em occasião de eleições parlamentares, municipaes e outras, e promover a eleição de filhos do paiz para os diversos cargos. Esta associação tem assumido uma espantosa importancia, e vê todos os dias augmentarem as adhesões ás suas idéas em todos os paizes de Africa Austral.

Quando, depois de terminada a guerra da independencia, foi o Transvaal restituído aos boers, o novo governo do paiz convidou Stephanus du Toit a ir ser superintendente da educação (ou ministro da Instrução publica como nós cá diriamos); e elle acceitou o encargo com a condição de que certos principios seriam previamente assestados para servirem de base a uma nova lei de instrução que elle apresentaria. Escusado é dizer que o governo acceitou de bom grado.

A principal condição que se impunha era dar á instrução um caracter essencialmente nacional como era desejo e necessidade geral do povo, e essa feição imprimia-a elle tornando a lingua hollandesa obrigatoria nas escolas como era natural e necessario que fosse.

O novo ministro promulgou uma nova lei n'esse sentido, a qual foi *in toto* approvada pelo *Volksraad* (camara dos deputados); mas como todas as escolas eram anteriormente inglezas, teve elle que edificar a sua obra desde os alicerces. As difficuldades provenientes de falta de professores idoneos, livros, etc., não lhe permittiram começar com mais do que tres escolas. No fim de um anno comtudo este numero foi elevado a oitenta, e no segundo contavam-se já cento e cincoenta, em todo o paiz, além de uma escola normal em Pretoria.

Não obstante os cuidados da instrução lhe absorverem todas as atenções, du Toit coadjuvou o governo da republica com o seu conselho em todos os negocios de gravidade. E quando foi decidido que uma deputação seria enviada á Europa, elle, que apenas residia no paiz havia dois annos, foi unanimemente escolhido pelo *Volksraad* para fazer parte d'ella.

A relação dos livros publicados pelo reverendo S. du Toit dará uma idéa da variedade das suas aptidões litterarias, e completará o retrato d'este notavel cidadão:

*Di Geskiedenis van ons Land in di Taal van ons Volk* — Historia do nosso paiz, na lingua do nosso povo.

*Di Hugenote in Zuid Afrika* — Os Huguenotes na Africa do Sul.

*Di Geskiedenis van di Afrikaanse Taalbeweging* — Historia dos esforços a favor dos direitos do idioma vernaculo.

*Eerste Beginsels van di Afrikaanse taal* — Principios elementares do idioma africano (hollandez) *Eerste Afrikaanse Spel- en Lus-Boeki* — Livro para aprender a soletrar e ler.

*Ons Program van Beginselen* — O nosso programma de principios; ou desenvolvimento dos principios politicos do partido nacional.)

*Teekenen du Tyden* — Indicios dos tempos.

*Omvervulde Prophetieën* — Prophecias não cumpridas.

*De laatste Dagen* — Os ultimos dias.

*De christelyke School, in Lare Betrekking tot Kerk en Staat* — A escola christã, nas suas relações com a igreja e o estado.

*Op Reis, dovr Engeland, Holland, België, Frankryk, Zwitserland, Italie, Egypte, Palestina, Turkye, Oostenryk, en Deutschland in 1880* — Viagens pela Inglaterra, Holland, Belgica, França, Suissa, Italia, Egypto, Palestina, Turquia.

*Bybellanden Doorreisid Gullustreerd* — As regiões da Biblia (illustrado).

A maioria d'estas obras tem já tido duas edições.

Du Toit é também poeta; como specimen da sua poesia transcreveremos aqui, e com isso terminaremos este artigo, o hymno nacional do Transvaal.

## A BANDEIRA QUADRICOLOR

De novo no Transwal, na patria amada,  
Já o pendão quadricolor se eleva.  
Ai! da mão, do Senhor abandonada,  
Que a arrial-o outra vez inda se atreva!  
Sob este céu azul ondeia ao vento,  
O' insignia da nossa liberdade!  
O inimigo fugiu; no firmamento  
Resplende mais formosa claridade.

Quando arrostaste as rabidas procellas,  
Sempre fieis te fomos; como outr'ora,  
No regaço da paz, já longe d'ellas,  
Os nossos corações terás agora.  
Dos bretões e dos cafes combatida,  
Elles te vêem hoje, embalde irosos,  
Sobre as suas cabeças, mais erguida,  
Por nós, por nossos braços valorosos.

Albion cubiçosa e traioeira,  
Atreveu-se a abater-te: imaginava  
Que para lhe acceitarmos a bandeira  
Isto, e promessas mil só lhe bastava.  
Tudo nos offertou, tudo engeitámos:  
O vapor, o telegrapho, a riqueza;  
E o vermelho pendão já mais honrámos,  
Nem havemos de honrar. É van empreza!

Quatro annos, rogámos incessantes  
Que nos restituísse a nossa terra:  
Nada de ti queremos; como d'antes,  
Deixa-nos livres só; vae-te, Inglaterra!  
Mas, teimando, já gasta a paciencia,  
E fartos das promessas do tyranno,  
Oppuzemos-lhe armada resistencia,  
Tentando sacudir o jugo insano.

E graças ao Senhor, o conseguimos;  
E a nós propicia a liberdade volta;  
E vemos tremolar, como já vimos,  
Nossa livre bandeira, ao vento solta.  
Custou-nos muitos mortos a victoria;  
Mas custou aos inglezes mais ainda.  
Assim Deus nos livrou. É d'Elle a gloria,  
Foi para nós sua bondade infinda.

Fluctua sobre a nossa patria amada,  
O' do Transwal quadricolor bandeira.  
Ai! da mão, do Senhor abandonada,  
Da mão perversa que arriar-te queira!  
Sob este ceo azul ondeia ao vento,  
O' insignia da nossa liberdade!  
O inimigo fugiu; no firmamento  
Resplende mais formosa claridade.

Devemos a excellente traducção que se leu á penna já illustre do nosso distincto poeta o sr. José Ramos Coelho, a quem n'este logar agradecemos a honra que nos fez, encarregando-se de tornar conhecido na nossa lingua o brado patriótico dos sympathicos transvalianos.

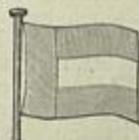
Augusto de Castilho.

## RESENHA NOTICIOSA

**FINANÇAS FRANCEZAS.** O ultimo orçamento da republica franceza, comparado com o ultimo do imperio, accusa um augmento na despeza de cerca de trinta mil contos de réis. Só a despeza com o functionalismo tem augmentado de 1869 para cá muito perto de vinte mil contos. Não se pôde pois gabar muito a economia e sciencia dos financeiros d'aquella nação actualmente.

**FALLECIMENTO.** Ainda estavam quentes as cinzas do celebre chimico Dumas, quando a mesma Paris via sumir-se no pó dos tumulos outro chimico, não menos celebre Wurtz, cujo nome hoje não ha ninguem que desconheça, porque o seu compendio de chimica anda nas mãos de todos. Era allemão mas desde longa data viera para França, onde se entregára aos seus grandes trabalhos sobre aquella sciencia, enriquecendo o mundo com muitas experiencias e obras, que collocaram o seu nome a par do dos grandes luminaires d'este seculo.

\* A bandeira da republica é igual á hollandesa, tendo mais uma tira verde na tralha; tem portanto as quatro cores vermelha, branca, azul e verde.



**ASCENSÃO AEROSTÁTICA.** Demos aqui notícia da primeira ascensão, que, em companhia do aereonauta Beudet, fizeram os srs. Abreu de Oliveira e Terra Vianna. O primeiro d'estes dois senhores tem continuado a fazer outras ascensões, chegando a dirigir a manobra com presença de espirito e desembaraço. No domingo 18 do corrente annunciára-se outra ascensão, em que devia ir o sr. Abreu de Oliveira, sahindo o balão da Tapada da Ajuda, sendo esse um dos attractivos da *Kermesse* no referido dia. Effectivamente pouco depois das cinco horas da tarde o balão elevava-se ao ar, levando na cesta apenas o sr. Abreu de Oliveira. O aerostato correu com alguma velocidade por sobre o Tejo, e desceu rapidamente também sobre o rio. O aereonauta, que havia já vestido o collete de salvação, apenas se viu aproximar da agua, atirou-se denodadamente ás ondas, em frente do caes do Sodré, sendo logo recolhido por um bote, que o levou para bordo do vapor *Caçador*, d'onde depois de mudar de fato, se metten em outro bote, desembarcando no referido caes, entre os applausos da multidão composta de mais de duas mil pessoas que d'aquelle ponto contemplavam aquella scena. Metteu-se o aereonauta depois em um trem, e seguido por outros com alguns amigos e acompanhado por dois d'estes a cavallo voltou a Tapada da Ajuda, onde entregou a Sua Magestade a Rainha a rosa que esta augusta senhora lhe dera antes da partida, e que na segunda feira, vendida em leilão, produziu mais de cincoenta mil réis.

**CARLOS DE LA ROCHE.** Um mez pouco mais ou menos, depois do falecimento da grande actriz allemã, Josephina Gallemeier, o qual noticiámos a pag. 64 do presente volume, morria também em Vienna o celebre actor Carlos de la Roche, que durante sessenta e nove annos, fez brilhar o seu grande talento nos palcos de Dresde, Leipzig, Berlim, Lemberg, Weimar e Vienna, representando cerca de 320 papeis, entre os quaes muitos que foram verdadeiras creações. Oriundo de uma familia franceza estabelecida em Berlim, nasceu n'esta cidade a 30 de outubro de 1794. Tinha apenas 17 annos quando se estreioi no theatro de Dresde, no *Rogue Pimpernickel*, sendo o seu ultimo papel o de Juiz de Paz no *Henrique IV* de Shakspeare, no Burgtheatro de Vienna em 1880. Aos 80 annos creou ainda uma das figuras mais notaveis e estimadas do publico, o banqueiro Lenz, na *Guerra de Successão* de Schaufert. Duas gerações de actores passaram pelo mundo desde a sua estreia até á sua morte. Como a Gallmeier, a Voller e outros era ao mesmo tempo actor e cantor, tendo cantado com muito successo *D. João, Leporello*, e tanto em um como outro ramo desempenhando com igual exito papeis serios ou comicos. Era ainda muito novo quando o general Rapp, ajudante de campo de Napoleão, por occasião da occupação de Dantzig, lhe offereceu fazel-o representar no Theatro Francez, em Paris; apesar da sua origem. La Roche não accieitou a offerta, o que lhe foi louvado depois por Goethe. Em casa d'este esteve alguns annos estudando e aperfeiçãoando-se na sua arte, aprendendo com elle a desempenhar, como nenhum outro actor ainda conseguiu, o papel de Mephistopheles, no *Fausto* d'aquelle grande poeta. Depois da morte de Goethe teve que renunciar aos papeis de Figaro e Bartholo, em que tanto se comprazia e queria cantar no *Kärthnertheatro* de Vienna, para poder entrar no *Burgtheatro* da mesma cidade, no qual se conservou até findar a sua carreira. Apesar de ter gozado n'este theatro de um triumpho constante, passou pela provação domestica de ver finarem-se successivamente sua mulher e filhos. Perdeu então a alegria que só foi recobrando pouco a pouco na sua *villa*, edificada a pouca distancia do magestoso *Fraunstein*. O seu saimento foi imponente; todas as classes da sociedade, incluindo o clero, lhe prestaram significativas homenagens de honra e respeito. La Roche descança hoje ao lado dos seus gloriosos collegas Anschütz, Fichtner, e Julia Rettich.

**SILVIO PELLICO.** Vae celebrar-se em Turim o trigessimio anniversario da morte d'este celebre escriptor e patriota italiano, que tanto e com tan-



JOSÉ MARIA TEIXEIRA, FALLECIDO A 25 DE NOVEMBRO DE 1883

ta resignação soffreu em tantos annos de prisão nos carceres austriacos, pelo grande crime de ser italiano e de querer uma Italia italiana e não austriaca. Não lhe foi dado ver realiado esse grande desejo, mas deixou no seu bello livro *As minhas prisões* o mais perfeito modelo de abnegação e de paciencia; nem uma palavra aspera contra os seus perseguidores! Por essa occasião haverá uma academia, que será presidida pelo cardeal Alimanda, arcebispo de Turim, em que se exaltarão as virtudes christãs do eminente escriptor.

**CIVILIZAÇÃO DOS INDIOS.** A grande republica dos Estados Unidos da America acaba de confiar a educação dos indios, ainda selvagens, ás corporações religiosas. Os grandes homens d'aquelle nação, que estudam praticamente os assumptos, bem sabem, pela historia, os resultados obtidos n'esse sentido e na sua America, por aquellas corporações em outros tempos, assim como na Asia e na Africa. Já um escriptor inglez fazendo justiça ao grande genio colonizador dos portuguezes dizia, que no estabelecimento de qualquer colonia a primeira coisa que os diversos povos faziam era: os inglezes, abrir uma cervejaria; os hollandezes, uma taberna; os francezes uma aula de dança; os portuguezes, fundar uma igreja.

**ESTUDANTES DE MEDECINA.** Frequentam actualmente a faculdade de medicina na Universidade de Paris 40 senhoras, sendo 4 francezas, e as demais pertencentes ás nacionalidades russa, americana e ingleza, entre as quaes também se conta uma negra.

**ILLUMINAÇÃO EM PONTA DELGADA.** Já começou n'esta cidade e illuminação pelo gaz. Foi inaugurada com cento e vinte candieiros. Tanto os estabelecimentos publicos em grande numero, como casas particulares vão adoptando aquelle melhoramento. É um progresso, e verdade, mas uma vez que se adoptava novo methodo, não era melhor seguir logo o systema da illuminação electrica?

**MINAS DE OURO.** Descobriu-se um rico jazigo de ouro nas montanhas rochosas do Canada.

**CONCELHO MUNICIPAL DE MARSELHA.** Tem sido escandaloso o que se tem passado em algumas sessões da vereação d'aquelle cidade franceza. Em uma d'ellas um dos vereadores accusava alguns collegas de serem uns *escamoteadores indecentes*, que deviam ser postos fóra d'aquelle gremio; na sessão seguinte um dos accusados veio por seu turno accusar o seu insultador de assassino. D'aqui seguiram-se algumas scenas violentas, desafios, etc. Que bello exemplo de moralidade dão estes eleitos populares, aos povos que os elegeram!

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS**, quarto anno, decima serie, 1884, David Corazzi, editor. Está publicado o vol. 78 d'esta serie de livrinhos tão uteis e tão interessantes para o conhecimento geral de todos os ramos do saber. Este livrinho intitula-se *Photographia*, e não ha hoje quem desconheça a importancia que tem os processos photographicos em todos os estudos, incluindo a astronomia; é pois um bom serviço fazer conhecer a historia e a maneira de usar de tão util descobrimento.

**CONFERENCIA SOBRE A LEI DE 7 DE NOVEMBRO DE 1881, realisada no dia 9 de março de 1884, pelo dr. Busch Varella, a convite do Club Abolicionista Sete de Novembro. Rio de Janeiro, Typ. Central, de Evaristo Rodrigues da Costa, 7, Travessa do Ouvidor, 1884.** Folheto de 31 pag. Tudo o que se disser sobre a abolição da escravatura é sempre bem vindo e bem recebido, ainda que entre nós, onde esse assumpto é um processo findo ha muito, não tenha já o interesse da actualidade. O auctor esquece-se um pouco de que foi Portugal que começou a abolição gradual do trafico, muito tempo antes de que a Inglaterra se pozesse á frente, por interesse proprio e não por verdadeira convicção, como o general Gordon demonstrou ha pouco, do movimento para o reprimir.

**A SAUDE PUBLICA**, hebdomadario de hygiene, n.º 19, com artigos interessantes, taes como: *Curiosidades de hygiene em Portugal*, recordações dos nossos medicos antigos, que escreveram sobre o assumpto; *Notas sobre pathologia de lingua-gem*; *Envenenamentos pelos generos alimenticios*, perigo a que estamos sujeitos todos os dias; *A hydrophobia*, etc.

**GAZETA DOS HOSPITAES MILITARES**, publicada sob os auspicios do ministerio da guerra; n.º 173 e 175. Comprehende: *Febre typhoide*... sem febre; *Discurso do sr. Cunha Belem* no parlamento, com relação ao recrutamento; *Movimento scientifico e litterario*; *A tuberculose pulmonar diagnosticada pelos bacillos da expectoração*; *Anthropometria medica*, contas clinicas, etc.

**REVISTA DOS ESTUDOS LIVRES**, directores litterario-scientificos, em Portugal: doutor Theophilo Braga e Teixeira Bastos; no Brazil: doutores Americo Braziliense, Carlos Kozeritz e Sylvio Romero. Lisboa, Livraria internacional, rua do Arsenal, 96, 1884. É o n.º 3 do 2.º anno, correspondente a maio do anno. Comprehende: *Historia da pedagogia em Portugal*; *II A universidade e o espirito secular da instrução humanista*, pelo sr. Theophilo Braga; *Ensaio de prehistoria da litteratura classica allemã*, pelo sr. Tobias Barreto; *Projecto de organização de uma sociedade cooperativa de credito e seguros*, pelo sr. Oliveira Martins; *Oradores sagrados, poesia religiosa e patriótica*, pelo sr. Sylvio Romero; *Poesia philosophica e scientifica*, pelo sr. J. Lourenço Pinto; *A exposição agricola de Lisboa em 1884*, por Philippe de Figueiredo; *Bibliographia*.

**LES MATINÉES ESPAGNOLES**, nouvelle revue internationale européenne, por M. le baron Stock; 3.º vol., n.º 11 e 12 do 1.º e 8 de maio corrente. Comprehende: *Le parlement espagnol*, par L. R.; *Courrier d'Allemagne*, por Fastenrath, de Paris, por C. Delaville, de Lisbonne, por G. Torreão; *Bulletin de l'exterieur*, por E. Ribera, financier, por Colbert; *Les poètes lyriques de l'Autriche*, por Jean Fusco; *Le Seme péché capital*, por Maria L. de Rute; *Glose á ma maison*, por Arsène Hous-saye; *M. de Marcère*, por Schalck de la Faverie; *Dupleix*, por Jean Fugairon; *Le sport en Espagne*, por Johnny, e a continuação das traducções da *Historia da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal*, de A. Herculano, e do *Primo Basilio*, d'Eça de Queiroz.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.